



*A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.*

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

Nova Igualdade de Lei.

Ha tempos que se nos fez huma denuncia(1) de huma *delicadeza* praticada pelo Ministerio, mas que nós não quizemos logo publicar, sem entrar-mos na averiguação da sua existencia, a pezar do muito credito que o seu author nos merece; porque isto de fallar verdade ao público, he o que nós desejamos escrupulosamente observar. Com effeito, podémos conseguir a veracidade do facto, da mesma forma, e sem a menor alteração, como no-lo havião contado, e he assim:

As Cortes Constituintes decretarão em Setembro passado, que se pozesse *Ponto* em todos os ordenados dos Empregados públicos até o 1.º de Outubro, e que deste dia por diante se começasse a pagar religiosamente a todos os Empregados os seus ordenados em dia; e que o que se lhes devesse até aquelle dia fosse considerado = dívida publica = passando-se-lhes cedulas etc. Este Decreto devia publicar-se immediatamente: porém o Ministerio que não era exceptuado, nem o Conselho de Estado, demorou a publicação desde 17 de Setembro até 3 de Outubro, tempo sufficiente para elle, e o Conselho de Es-

tado receberem o que se lhes devia, como de facto recebêrão; e só depois que se pilhou embolçado, he que o Ministerio publicou o Decreto; de maneira, que ficando todos os Empregados, a quem se devia tres quarteis, engasgados com a divida publica, só o Ministerio, e o Concelho de Estado ficárão com as gargantas livres. Mas = viva a Igualdade da Lei! viva o integerrimo Gover-no!

Aqui ha dous crimes commetidos pelo Ministerio: o 1.º não publicar promptamente o Decreto das Cortes: e o 2.º de o infringir solemnemente. Cada hum delles era bastante para o Congresso fazer processar o Ministro auctor de semelhantes infracções, para dar exemplo da sua rectidão, e vigilancia. Mas o diabolico patronato, as contemplações, as amizades, o *faze tu lá isto, que eu cá te farei est'outro*, he que encobre todas estas mataduras, e que vão dando com a besta no atoleiro! Ora hum Ministerio Regenerador que faz destas e outras, que pertende-rá que digão delle? que he recto, virtuoso e patriota?! e que se ha de dizer então dos = prevaricadores, dos despotas, e dos madrassos?! que he bella gente, muito honrada etc. Desenganemos-nos, isto he o jogo do *pilha*, ou dos *tres-setes* debaixo do capote! Infelices governados! Ou de huma ou de outra sorte, sempre vos hão de comer á esquineta.

(1) Sem ser dos *dé Regos, Encomendados, Roldrigos, ou Serpas.*

Nós bem sabemos que com isto nada fazemos; e que he mais facil converter os Mouros ao Christianismo, que fazer entrar este Ministerio nos seus deveres; e tãobem não ignoramos que hum de seus membros teve ha poucos dias o desaforo de dizer diante de algumas pessoas, falando-se do *Astro* e da *Trombeta*, que erão *os seus saboreantes*. Pois livre-se que lhe fação arrebentar o bucho com alguma indigestão... e o tempo que não está muito para graças, a atmosfera carregada, o vento a soprar, e hum frio de tremer... forte temporal! Ora pois continue o Ministerio a dar-nos estas demonstrações praticas da = Igualdade da Lei = e verá como o systema avança que *nem hum caraquejo!*

O Temor, é a Justiça.

Consta-nos que he chegada a occasião de se ver o desfecho daquella interessante *Farça*, que prihepiou na noute do 1.º de Junho, no teatro da imprensa Liberal da Rua Formosa: vulgo, a decantada *Conspiração* que tanta gente tem elevado a pingues empregos! Segundo nos affirmão o Processo foi concluzo, ao Juiz Relator, 5.ª feira passada; e he por esta occasião que acontece hum cazo digno de saber-se, e só por si bastante para nos esclarecer sobre o estado actual.

Aquelle façanhoso Processo, logo que sahio das unhas do estouvado S. Paio, e foi á Relação, teve para seu Juiz o Corregedor do Crime da Corte o qual pouco tempo antes havia sahido por impedimento e passou a vara ao Dezembargador = *Moura Cabral*; este, escusou-se ha pouco tãobem, e passou a vara para o Dezembargador *Paiva Pereira*; este, escusou-se igualmente os dias passados, e passou a vara para o Dezembargador *Calheiros*; este, hindo o Escrivão levar-lhe o Processo, não o quiz receber, e pediu escusa, segundo nos disserão; porém, sabemos que terça feira em Relação fôra todavia nomeado o Sr. *Calheiros*.

Observando-se pois estas *escuzas* dos Juizes, he facil conhecer a cauza que as motiva, e vem a ser: o temor e a justiça. O temor pela monstruosidade, e enorme volume do Processo, junto com o receio de profetir huma Sentença, seja de que natureza for, visto estarem os primeiros

figurões do dia implicados no objeto, huns como = *denunciantes*, outros como *testemunhas*, e outros como *accuzadores*: A Justiça, porque estando o cazo subejamente esclarecido por todos os Escriptores, com os documentos publicados pela imprensa, e n'uma palavra, conhecida de todos, e até á raiz, a farça infame com que se pertendeu enganar a Nação para fins tão sinistros, como conhecidos, não podem os Juizes deixar de absolver esses innocentes, dando-lhes o direito salvo de honra e fazenda contra os falsos calumniadores, que forjarão a trapaça.

Ora eis aqui as entalás em que se veem os Ministros: se fazem justiça, ficão expostos á vingança e odio do Ministro da Justiça, do da Guerra, de Sepulveda etc. se condemnão, grita a innocencia, grita Portugal todo contra a injustiça dos Juizes! Que alternativa! que estado de coacção indirecta para hum Magistrado! Mas que dizemos! Nunca Ministros tiverão huma tão brilhante conjunctura para mostrarem ao mundo a sua rectidão, a sua integridade, e á sua honra; nunca elles tiverão hum tão honroso campo para derrotarem seus inimigos detractores, mostrando-lhes que a pezar de toda a preponderancia de pessoas, que se achão com o poder na mão, sabem resistir á sua influencia, e seguirem rectos pela estrada da Justiça, escoltados por sua intima convicção.

O Processo, como acima deixamos dito, tem hoje huma tão ampla publicidade, que qualquer injustiça que se pedesse cometer em hum julgado saltaria logo aos olhos de todos; e seus autores ficariam para sempre desacreditados, e considerados como instrumentos da orgulhosa vingança daquelles, que tem seus nomes vergonhosamente gravados no Processo, e se achão á testa do Governo. Pode-se dizer com verdade, que nunca entre nós se suscitou huma lide tão melindrosa, sobre a qual a Nação fixasse tão attenta as suas observações. De hum lado, achão-se os depositarios do poder obstinados em sustentar a sua obra, seja á custa de que sacrificios fôr: do outro, achão-se a innocencia e a Justiça, com hum aspecto nobre, e austero, encarando para os Magistrados, e dizendo-lhes tacitamente " Juizes! Vosso julgado vai ser o vosso triumpho, ou a vossa deshonra: a escolha he facil, não vos deicheis arrastar! "

Declaramos, que publicaremos tudo

o que nós quizerem enviar sobre este objecto, huma vez que seja justo, verdadeiro, e decente.

(O Redactor.)

A Reforma Agradavel.

Grande Patriota Liberal he o Sr. *Borges Carneiro*!! Dissemos nós ao acabarmos de ler a Sessão de 21 do corrente, em que aquelle illustre preopinante queria para felicidade de todos que se tirassem as pensões, tenças, commendas etc. a todos os que tivessem seis centos mil reis de renda, ou do Estado, ou de propriedade sua!! Venha hum abraço, Sr. *Borges Carneiro*, viva o liberalissimo! toque.. toque.. aperte.. Não ha nada mais rasoavel do que isto! Mas, ai que nos esquecia o melhor, que he o = apendice = *A' excepção de Lord Duque de Wellington, e do Patriarca Fernandes* = Que digno parallelo! que par tão ajustado!! O'ra quem estudou, estudou. Mas entremos em materia.

Este Sr. *Borges Carneiro* he o mais completo reformador, e financeiro que o mundo tem visto. A sua sciencia he fundada sobre este principio, tão singelo como admiravel: = tudo pobre = Ora elle tem razão, porque segundo o proverbio = *quem he pobre não tem vicios* = sendo todos pobres não ha vicios, e a Sociedade será então hum *ceo aberto*! Mas para quem reservará elle as rendas do Estado? porque, trata-se do militar, opina para que se lhe tire o que tem; trata-se do Clero, o mesmo; trata-se dos empregados o mesmo; trata-se da Magistratura, o mesmo; de sorte que em menos de meia ducia de annos, temos tudo mirrado de fome, mas o tãezoiro gemendo com dinheiro. Só notamos que não fosse coherente com o seu systema, na verba = *Espiões* = mas em fim, passe, porque os amigos conhecem-se nas occasiões, e pela bagatela de dez contos, que não desembolça, não se ha de perder hum amigo de *chapeo grande*.

Com effeito, agora he que nós conhecemos a verdade com que este ajuizado Sr. disse em huma Sessão ainda ha bem pouco tempo, que dinheiro não faltava; que lhe desembaraçassem os braços, que elle o acharia. Isto he assim, e se o querem experimentar, deem-lhe auctoridade,

e tropa, e verão com que gallardia, e ligeireza fica por ahi tudo sem camiza! Oh! feliz patria de tão sublime varão! que prodigio deitaste ao mundo! Basta porcm de elogios, para nos não taxarem de lisongeiro. Na verdade, infelices dos Portuguezes se as reformas dependessem somente da vontade do Sr. *Borges Carneiro*! Para elle não haveria ninguem que merecesse o pão do Estado, senão a sua pessoa, ou algum dos seus favoritos. Quem ouve fallao este Sr., e que o não conheça, ha de imaginar por seu aparente catonismo, que he o homem mais desinteressado, e austero que se ha visto. Porém, quando se reparar que no meio de todo o seu palaviado patriotico-reformador está comendo o pão da Nação a dous carriuhos, fica-se a gente rindo de tudo quanto elle diz; sim, o Sr. *Borges Carneiro* está *chuxando* huma moeda por dia, como Deputado, e ao mesmo tempo os seus ordenados de magistratura! Para isto não oha elle, para aqui não lhe dá o seu catonismo reformador. Que galantissima couza nao he dizer elle que se tire a todos os que tem tenças, pensões etc. todo o excedente de seis centos mil reis, quantia que crê sufficiente para a sustentação, seja de quem for, e ficar elle com 1:728.000 rs. só pela repartição das Cortes? Ahi he que nós queriamos ver principiar a reforma; porque não achámos coherente ter hum Deputado de Cortes 4800 rs por dia, ao mesmo tempo que se tira a hum empregado publico cem mil reis dos tristes ducentos e quarenta que tinha! Então que igualdade, que reforma, que catonismo he este? Principie por si, e venha vindo ao depois para baixo que já ninguem se queixa tanto. E os Bispos, e outros muitos Srs. com grandes rendas, a levarem a bemdita moeda! para ahi não ha reforma! para isso não ha poderes!

Com que consciencia quer o Sr. *Borges Carneiro* que se tirem as pensões, as commendas, e as tenças a quem legitimamente forão dadas, e a muitos por distinctos serviços feitos á Nação e ao Rei? Então se a reforma consiste em tirar a cada hum o que tem, e deixa-lo a pedir esmola, leve o diabo tal reforma. O Congresso não quer isso; e esse mesmo F. T. foi sempre opposto a similhante systema, por que tinha juizo; mas o Sr. *Borges Carneiro* para se fazer celebre, e levar palmas dos rotos das galerias diz tudo quanto lhe vem ou metem na cabeça para instigar o Con-

gresso a fazer injustiças. Sabe que mais sr. *Borges Carneiro*, quer V. S.^a passar por verdadeiro Catão, e por hum perfeito patriota, levante-se amanhã no Congresso e diga: "Senhores, consultando as minhas percissões, achei que podia viver muito honestamente com quarenta mil rs. por mez; por tanto he esta a quantia com que ficarei para minhas sustentação: desisto de tudo o mais a bem do Estado, porque o não preciso." Oh! parece-nos que já estamos ouvindo o Sr. *Presidente* a chamar á ordem as gallerias, pelos estrondosos, e longos aplausos, com que mostram a sua satisfação. Ora experimente sr. *Borges Carneiro*, e ouvirá também como a Trombeta lhe desata hum hymno sonoro que o hade encantar!

B R A Z I L.

Dissemos em nosso N.^o passado que o Senhor D. Pedro de Alcantara, aclamado espontaneamente pelos Brasileiros Imperador do Brazil, se sagrara, e coroára no 1.^o de Dezembro. Hum impresso avulso, feito e publicado por ordem do Governo, contém o cerimonial, e etiqueta que naquelle respeitavel acto se devia observar. Com tudo, não se acha alli aquelle magestoso apparatus, aquella pompa que em taes solemnidades costumão praticar-se.

O Imperador ordenou que fosse feita a funcção na Cappella do Palacio. Depois de concluidas as disposições necessarias, se dirigio S. M. I. por volta das 9 da manhã em grande Cortejo para a Capella, debaixo do Palió, a cuja porta foi recebido pelo Bispo Capelão-Mór, solemnemente paramentado. Tendo feito a sua oração ao Sacramento, S. M. se dirigio ao lugar que lhe estava destinado na Capella-mór do lado do Evangelho, e junto ao Throno, e todo o Cortejo occupou seus respectivos logares.

Principiou a Missa de que era celebrante o Bispo Capelão-mór e os dous Acolitos Bispos. Depois da leitura do Evangelho, S. M. I. prestou o Juramento nas mãos do Celebrante, e ajoelhando ao depois diante deste recebeu a Unção Real; e logo depois pondo-lhe a Coroa Imperial na cabeça, lhe entregou o Sceptro, e lhe

singio a espada, proferindo as orações do estylo; em fim, lançando-lhe o Manto Imperial, S. M. subio ao Thono, e hum Arauto publicou o formulario do costume, ao tempo que o Alferes-mór desenrolou a Bandeira.

Tendo S. M. I. assistido á Missa, e concluidas todas as formalidades do estylo (que não relatamos por serem muitas e mui complicadas) se retirou ao palacio, em toda a pompa, e dirigindo-se á Sala do Throno, onde assinou o Auto da Coroação, e recebeu as Felicitações. Não houve porém beijamão neste dia, por assim o haver S. M. I. ordenado.

Tal foi a simplicidade daquelle magestoso acto, em proporção da faustuosa pompa com que as coroações costumão solemnizar-se. Assim vio o Brazil independente subir ao Throno o Primeiro de seus Monarchas!! Hum Joven Principe, descendente dos mais illustres Monarchas da Europa, e herdeiro de hum Throno Europeo, na idade de vinte e quatro annos, he quem proclama a Independencia do mais vasto e fertil paiz do mundo conhecido! He Elle quem diz áquelles, cujos Destinos vai regular, o mesmo que seu immortal Ascendente dizia, quazi em iguaes circunstancias aos Francezes: Vós me vereis sempre á vossa frente: reuni-vos ao meu penacho branco!

Que vasto campo de meditação não offerece hoje aquelle nascente Imperio ao observador politico! Hum paiz de setecentas leguas de comprido, com huma largura ainda hoje desconhecida, onde a Natureza com hum seio sempre aberto, e sempre fecundo, apresenta a todo vivente os seus mais preciosos thezouros! Hum paiz, que para ser o primeiro do mundo, só necessita de homens! Ali não se disputa o misero palmo de terra. Ali, se o habitante da cidade não tiver com que se nutrir passará ao arrebalde, aonde os deliciosos fructos das arvores, o alimentarão da mesma forma, que os mais saborosos manjares, sem que tenha a temer, ou guardar contemplações a hum domno! O Homem, he ali por toda a parte o senhor: a Natureza he toda sua! Finalmente hum paiz aonde o Homem, querendo, pode voltar a seu primitivo estado, sem temer a fome, nem o gelo, nem a nudez!!

Continuar-se-ha.